Guimarães, 23 de Setembro de 1917 — 4.º anno—N.º 178

# Echos de Guimarães

SEMANARIO MONARCHICO

Director e Editor, Antonio de Carvalho Cyrne
Redactor, Thomaz Rocha dos Santos
Redacção: Rua 31 de Janeiro
Administração: Rua de Payo Galvão, 70

Propriedade da Empreza
DOS
Echos de Guimarães

Officinas de composição e impressão
*Typographia Minerva Vimaranense*
*68, Rua de Payo Galvão, 72*
GUIMARÃES

Artigo 1.º—O artigo 2.º da lei n.º 495, de 28 de março de 1916, é substituido pelo seguinte:

Art. 2.º—As commissões de censura eliminarão qualquer noticia ou apreciação UNICAMENTE nestes casos:

1.º—Quando seja prejudicial á defesa nacional, militar ou economica, ou ás operações de guerra.

2.º—Quando envolva propaganda contra a guerra.

## A VIAGEM PRESIDENCIAL

### Tudo pela ré publica

Neste desmanchar de feira, neste desmoronamento moroso mas seguro, d'um regimen em opposição á indole, aos habitos, ao gosto da quasi unanimidade da nação portugueza, neste desfiar de dislates e dispauterios em que andam empenhados os dirigentes do regimen, uma coisa sobreleva em impudor e desfaçatez a todas as outras: a viagem presidencial ao extrangeiro.

Na verdade é preciso formar da mentalidade e da energia moral da nação portugueza uma ideia muito baixa, muito despresivel para assim se lhe atirar ás faces uma tão inaudita provocação, um tão arrogante desafio.

Pois quê! quando o povo grita com fome e se atropella á porta dos postos estabelecidos para obter um bocado de pão mau e caro; quando a industria se vê em risco de suspender a sua laboração por falta de carvão e materias primas; quando a agricultura está em risco de fallencia, pela carestia dos adubos e pela retenção nos seus depositos dos generos commerciaveis excedentes ás necessidades do consumo interno e pela limitação do preço dos outros; quando um commercio pouco intelligente e ainda menos escrupuloso leva a ruina a todos os lares; quando uma atmosphera de desgraça paira sobre esta pobre nação, ha um desvairado e cynico estadista que se lembra, que tem a irritante phantasia, de fazer viajar o chefe do estado acompanhado de numerosa e inutil comitiva, a pretexto de levar *alento e conforto*... a quem não lh'o pediu!!!

Aperta-se a corda na garganta aos proprietarios em castigo do seu delicto de *deterem* a propriedade, sem se lembrarem que d'ella e d'elles vivem numerosas classes; põe-se a faca aos peitos aos industriaes que não cedam ás exigencias dos seus operarios, manequins que os agitadores profissionaes manejam ao sabor das suas conveniencias; limita-se a actividade dos commerciantes a pretexto da protecção e defesa dos seus empregados, e ainda a pretexto de economia de illuminação; sacrifica-se a tudo e a todos a pretexto de salvação publica, e é num momento d'estes que a essas terras longinquas, onde combatem alguns milhares de portuguezes de todas as côres politicas, de todas as crenças religiosas, se envia a dar **alento e conforto** o chefe das instituições politicas que só alguns, poucos, d'esses milhares de desgraçados acatam, se envia o perseguidor das crenças religiosas dos outros!

E como se isto fosse pouco, ainda são os paes e os filhos dos que lá estão, que pagam as despezas da folia, a elles, e ao seu numeroso cortejo, que, a ser exacto o que corre, se compõe precisamente das mais sinistras figuras de quantas teem tido predominio no pagode republicano, d'aquellas precisamente a quem elles devem a *honra* de se acharem debaixo da metralha dos allemães!

Nero está vingado! A'quelles que lhe censuram o cynismo de se fazer saudar pelos que, em satisfação ao seu capricho doentio de criminoso tarado, se iam a morrer na arena para seu goso e da populaça sanguinaria que o aclamava, poderá a historia patria contrapor *o alento e o conforto* do snr. Bernardino aos soldados de Portugal.

Nem ao menos podem—os desgraçados—morrer em paz!!

Do «Diario Nacional» recortamos este esplendido artigo com que regalamos os nossos caros leitores:

## O TRAMBOLHO

Não somos dos que acceitam que os governos devam apagar-se e ceder perante imposições revolucionarias no fundo, ainda quando o não sejam na fórma. Isso é quanto ha de mais contradictorio e nocivo aos principios conservadores.

Mas por *governo* entendemos nós e entendem os conservadores uma entidade prudente e previdente, appoiada no consenso do paiz para o exercicio da sua alta funcção, detentora legitima da auctoridade publica, capaz de sustentar o equilibrio e a ordem na sociedade e de dominar e resolver os problemas que ás circumstancias e a sua propria acção directiva necessariamente criam. A não ser assim, a entidade que toma o nome de governo e se lhe arroga as funcções torna-se precisamente o mais efficaz fautor da desordem, o elemento mais activo de desorganisação, o mais poderoso obstaculo á normalidade da vida social.

Somos alheios á politica partidaria do regimen. Sob esse ponto de vista é-nos em absoluto indifferente que esteja no poder um governo do snr. Norton de Mattos (pois do snr. Affonso Costa já ninguem fala, ninguem sabe por onde se sumiu) ou d'outro qualquer *parvenu* que se considere com egual direito a collaborar na consummação da ruina d'este paiz.

Mas somos portuguezes, representamos a mais forte corrente da opinião, encontramo-nos, por nós e pelos nossos leitores, ligados ao collossal conjuncto d'interesses publicos e particulares que estão sendo cynicamente sacrificados ao capricho, ás ambições e conveniencias pessoaes dos homens que occupam o poder. Por isso, perguntamos com que direito se mantem á frente dos negocios publicos—atravancando a administração, paralysando a vida nacional, causando com a sua simples presença, em cada dia e em cada hora, prejuizos moraes e materiaes incomputaveis—essa meia duzia de individuos que assistem impassiveis, ha perto de duas semanas, ao desenrolar de tão grande calamidade e que assim como não soubéram prevêr e prevenir a tremenda *grève* dos correios e telegraphos, não teem na sua bagagem governativa a menor solução para esta situação pavorosa e sem precedentes!

As reclamações dos funccionarios telegrapho-postaes não eram de hoje nem de hontem; e essas reclamações—pondo de parte detalhes que poderiam ser objecto de discussão e de mutuas transigencias—tinham um fundamento incontestavel no enorme e vertiginoso encarecimento da vida. Sabia o governo que a ideia da *grève*, como meio final de obter a pretendida melhoria de situação, alastrava naquella classe de empregados do Estado. Que fez para evitar que se chegasse a tal extremo, ou para defrontar a situação que d'ahi necessariamente derivaria?

Nada! Dormiu sobre o caso, como dorme sobre todos os casos, ainda os mais importantes para a vida nacional, que teem sido suscitados pelas circumstancias ou pela sua propria e inegualavel incompetencia!

Se as reclamações dos empregados telegrapho-postaes eram attendiveis, porque não lhes deu ouvidos mais a tempo? Se, independentemente da justiça que lhes assistisse, o governo não podia em absoluto, como se está vendo, supprir a falta d'aquelles sete mil funccionarios, quasi todos encarregados de serviços d'ordem technica, porque não foi adeante das suas exigencias, cedendo numas para resistir a outras, em vez de os deixar lançar mão d'um recurso de tão grave natureza?

Se podia evitar a *grève*, porque não a evitou? Se tencionava collocar-se num pé de completa intransigencia com aquelle pessoal, porque não deu balanço ás suas proprias possibilidades, porque não dispoz as coisas de modo a assegurar ao menos uma tal regularidade em serviços de tão alta importancia? Se não estava isso nas suas mãos, porque os levou á má-cara?

E se não tendo sabido ou querido evitar a *grève* não sabe nem póde agora resolvel-a, que está fazendo no poder?

Era bem que o governo resistisse, se tivesse maneira de assegurar o desempenho de uma das mais graves funcções que estão a cargo do Estado, como é essa dos serviços telegrapho-postaes. Mas a incapacidade do governo para remediar a situação, que a sua inepcia deixou chegar a estes termos, é infelizmente bem manifesta.

Digam o que quizerem as *notas officiosas* affixadas pelas paredes, a verdade é que o correio não anda, que os telegrammas se não transmittem, a não ser em proporções irrisorias, emfim, que esse serviço publico se encontra praticamente paralysado, e que tal paralysação é a ruina do commercio, é um tremendo flagello para a economia nacional, é uma origem de inquietações para todos.

Não se deu ao governo um praso de um, dois ou três dias para vencer as difficuldades da *grève*, pois isto dura *desde o dia 1 do corrente mez!*

Quer-se maior prova de impotencia?

De que serve coalhar as ruas de tropas e prometter apavorantes chacinas, se as chacinas nos não asseguram que os sobreviventes passem depois d'ellas a receber a sua correspondencia e a poder tratar dos seus negocios? Se não é á bayoneta nem á bala que o snr. Norton de Mattos obriga os funccionarios a regressar aos seus logares ou arranjar outros sete mil que os substituam?

Os *grevistas*, cruzando os braços, estão na logica da conducta que adoptaram; o governo, porém, ao imital-os, está faltando ao primeiro dos seus deveres para com o paiz.

A passividade dos *grevistas* não póde ser remediada pela passividade dos governantes; á *greve* dos funccionarios telegraphos-postaes não póde responder-se com a *greve* dos ministros.

E se o governo, além das espingardas dos soldados, não tem outra arma para debellar esta temerosa crise, saia, porque o governo é hoje nesta sociedade um *trambolho*, que não serve senão para impossibilitar a solução urgente, boa ou má, d'um estado de coisas cujas consequencias já difficilmente pódem reduzir-se a cifras.

Demais, parece que outros perigos—além do da estagnação quasi completa da vida nacional—derivam ainda da obstinação injustificavel do governo em ficar no poder para não fazer coisa alguma. O snr. José de Castro, que representa, ao que nos dizem, uma importante corrente da maçonaria, teve palavras soturnas na sua carta aberta ao snr. Bernardino Machado: «*Approxima se a sombra de graves acontecimentos. Presinto-os. Talvez seja ainda tempo de evitá-los ou sustá-los*».

Não se póde assim dizer que o snr. José de Castro, se bem avalia as possiveis consequencias da permanencia do governo, não tenha d'ellas avisado quem de direito, a tempo e horas.

Ponto é que o snr. Norton de Mattos e os seus confrades estejam dispostos, perante a tempestade que ruge, a... pôr os taipais na loja.

## Conselheiro Ayres d'Ornellas

Acompanhado de sua esposa, Ex.ma Senhora D. Maria de Jesus de Sousa e Holstein d'Ornellas, regressou a Lisboa o nosso illustre chefe politico snr. conselheiro Ayres d'Ornellas.

# SERENAMENTE

A guerra actual, dizem os que por lá andam e de lá escrevem, produziu um desenvolvimento intenso e forte do sentimento religioso da França, fazendo augmentar o numero dos praticantes, e animando a fé dos desilludidos. Houve quem esperasse que em Portugal se désse o mesmo, mas as manifestações de revivescencia d'esse sentimento foram, entre nós, muito mais modestas do que as que se deram em França. Portugal é um paiz evidentemente catholico. A quasi totalidade da sua população está aggremiada na Egreja catholica e tem as suas crenças sinceras e puras. Mas julgo não errar suppondo que essas crenças estão amortecidas, e correspondem mais a um estado de consciencia que propriamente a um acto energico e exteriorisado. Os catholicos portuguezes são mais christãos do que catholicos. Obedecem mais ao fôro intimo da sua consciencia do que á disciplina externa da Egreja. Nos seus espiritos anda muito de racionalismo e livre-exame. Cada catholico é-o á sua maneira. Eu tenho observado centenas de casos. Eu tenho encontrado centenas de creaturas que se permittem modificar as obrigações impostas pela Egreja, indo mesmo contra alguns dos seus dogmas fundamentaes. E não são menos sinceras na sua crença, nem menos devotadas a Deus, á Virgem, a Jesus e aos Santos.

Este phenomeno, que me parece tudo quanto ha de mais contrario aos altos interesses espirituaes da Egreja catholica, e tudo quanto ha de mais prejudicial á conveniencia da sociedade portugueza, ha-de ter uma explicação justificativa.

Não foi o regimen republicano, com o seu sectarismo, nem a furia destruidora dos profissionaes da desordem, armando em propagandistas e agitadores, que transformaram, de um dia para o outro, ou de um anno para outro anno, a consciencia religiosa dos portuguezes. A causa do mal ha-de estar noutro logar e o condicionalismo do seu desenvolvimento ha-de ser outro.

Não vae o tempo para censuras, nem o meu espirito está com tendencias de censurar quem quer que seja, que, fóra das hostes republicanas, expia os erros proprios e soffre as consequencias dos erros alheios. Por isso, evito fallar na causa do mal, na sua filiação e nas responsabilidades do seu desenvolvimento —para só pensar em atalhal-o e em dirigir-me aos que devem dominal-o.

Portugal está em progressiva descatholisação. E assim se explica o avanço alarmante da crise da Ordem e o enfraquecimento progressivo da Disciplina.

O que a Europa inteira deve á Egreja Catholica em prestigio do principio da Auctoridade e em acatamento de Ordem vae-o a Historia ensinando, á medida que se desliga das paixões dos historiadores e dos preconceitos dos criticos. Em Portugal, nesta hora desoladoramente triste, de geral esphacelamento de energias, em que tudo, de alto a baixo, se subverte na mais triste das demencias, ha só uma força para que é licito appellar, não para que d'ella saia a salvação immediata, mas para que da sua intervenção saia a limitação do mal: a Egreja catholica. Não convivo com Bispos, e não convivo com o Clero. Não sei o que se pensa e o que se passa nas altas espheras ecclesiasticas, nem conheço o sentir dos simples pastores de almas. E se a minha voz, apezar de eu morar apenas num 2.º andar e de fallar sem hesitações e palavras equivocas, não consegue chegar á rua e sensibilisar os ouvidos dos que passam, menos ainda poderá atravessar as ruas e as praças e entrar na Nunciatura, ou vencer as grandes distancias e chegar ao Vaticano. Fallo, pois, para os dois ou tres leitores que porventura tenham o bom-gosto de me seguir, e com elles converso, nesta hora socegada de uma tarde socegada de setembro...

A' Egreja catholica compete, neste momento, o grande papel de disciplinadora da sociedade portugueza, com quem os politicos se não entendem, e que não entende os politicos. A funcção da Egreja é exclusivamente, fundamentalmente moral. Todos os seus representantes, desde os que a purpura cobre até aos que, perdidos nas montanhas, vestem apenas batina de burel, todos devem resolver encarar a serio o seu mister moral e cumpril-o atravez de todos os sacrificios, de todos os perigos, de todos os males, de todas as penas. Nem o receio das vaias, nem o temor da miseria, nem o medo da prisão, nem a angustia da morte devem embaraçar a Egreja no cumprimento do seu dever. A Fé reaccende-se pelo exemplo. A Egreja deve pensar em voltar aos sacrificios dos primeiros apostolos—pelo menos nos povos em que a Fé se amorteceu e ameaça transformar-se num individualismo artificioso, esteril, porque é dispersivo. O padre portuguez está muito laicisado. E é por isso que os inimigos da Egreja estão sempre dispostos a combater as ordens religiosas, e exibem uma tolerancia por demais significativa perante o clero secular. Sabem muito bem, os inimigos da Egreja, que quanto mais secular fôr um padre, menos padre é.

O padre portuguez está muito laicisado, está muito mundanisado. E se isso pode passar sem reparo numa sociedade de existencia normal,—é um perigo dos mais graves numa sociedade em decomposição progressiva, como a sociedade portugueza. O padre portuguez precisa de ser — apenas padre. A sua vida deve confinar-se entre a egreja onde ora e as almas que tem de salvar.

Nem politico, nem feirante. Nem jornalista, nem frequentador de salas. Nem proprietario, nem professor de lyceus. Apenas padre — ainda que com isso tenha de soffrer a fome, a miseria, o enxovalho, o frio e a morte. Sociedade em decomposição, a sociedade portugueza está num estado de agudeza de sensibilidade tal que só as fortes emoções sahidas do exemplo a commovem e determinam. A egreja tem que impor-se o sacrificio, não já o sacrificio moral que está soffrendo, mas o sacrificio *corporal*, *material*, em toda a extensão da palavra. E quando os Prelados e os Parochos, os Conegos e os Abbades descerem ao contacto diario e permanente com a multidão portugueza, nas cidades e nas aldeias, affrontando, com paciencia e resignação, as consequencias mais duras e as provações mais crueis—a Fé ha-de reviver, e a sociedade portugueza ha-de depurar-se, commovida e enternecida, completamente conquistada pelo sacrificio vivo!

A Egreja Catholica póde fazer muito, querendo! Tem que pôr de parte as habilidades politicas, as transigencias commodas, o passivismo facil em que anda enleiada, e simples como foi o seu fundador, e incansavel como foram os seus apostolos, tem que se decidir a salvar a alma portugueza, estimulando a fé aos que a tenham fraca, e creando-a aos que a perderam. Só assim, obterá a necessaria disciplina, a conveniente obediencia, a perfeita submissão á Hierarchia e ao Dogma...

A continuar como até aqui, a força catholica pulverisa-se; cada crente é um catholico á sua maneira; a Egreja será uma sombra... E bem poderá Satanaz, travestido de Affonso Costa, em assembleia de basbaques, dizer mais uma das suas baboseiras — como se o caracter da Egreja e a sua significação pudessem ser abalados pelas tolices de Satanaz! Mas isso não impede que a sociedade portugueza se subverta, anarchisada e incredula.

ALFREDO PIMENTA.

## Uma traiçoeira aggressão!

Contava hontem o nosso prezado collega *O Liberal*:

«O director d'este jornal achava-se no Rocio, pelas 5 horas da tarde de ante-hontem, com um grupo de amigos, quando um formiga qualquer, pronunciado já pelo crime de assassinato numa terra do norte, se lhe dirigiu, distrahindo-lhe a attenção, ao mesmo tempo que um outro formiga descarregava uma grande pancada na cabeça do snr. dr. Telles de Vasconcellos, ferindo o, emquanto um outro grupo puxava de pistolas brownings, apontando-as aos que alli se encontravam pacifica e ordeiramente.

Foi devido á serenidade e sangue frio dos presentes que não houve maior desastre, pois a intenção de perturbar a cidade ficou claramente demonstrada.

O nosso director foi curar-se á Pharmacia Andrade & Irmão, na rua do Alecrim, onde lhe dispensaram as maiores attenções, continuando a passear como de costume pelos sitios onde habitualmente se encontra, não como bravata, mas para que a formiga fique sabendo que pode assassinar á traição, visto a impunidade lhe estar garantida pelo governo, mas quando se apresentar de frente, encontra resposta.

Ficamos por aqui.»

Protestando com a maior vehemencia contra esta traiçoeira aggressão, expressamos ao nosso distincto collega e amigo snr. Telles de Vasconcellos a melhor sympathia e a mais estreita solidariedade.»

Fazemos nossas estas palavras do nosso estimado collega *O Dia*, de onde transcrevemos a noticia, e deploramos sinceramente o infame attentado.

## O nosso artigo editorial e a Censura

Novamente tentamos hoje publicar o nosso artigo «A Viagem Presidencial», esperando que será esta a ultima vez que o Snr. Rodrigues se permittirá o prazer canalha de o supprimir.

O Snr. Guilhermino, que bem desejariamos poupar ao ridiculo, e ás amargas mas justas palavras de legitimo ressentimento que o seu procedimento incorrecto e illegal merece, frustra-nos em absoluto o generoso intuito.

Temo-lo até aqui poupado, por que muito bem sabemos de que o culpado não é rigorosamente elle, como culpado não é o Snr. Pinacorta.

Um ou outro são duas creaturas de inferior cathegoria que um regimen dissoluto aproveitou como a pessoas mais idoneas para abafar, talvez inconscientemente, a voz do povo opprimido.

Qualquer d'elles, livre da obsessão da sua importancia, seria creatura absolutamente inoffensiva.

Mas elles teem de seguir a corrente; vêem aqui em Guimarães encarrapitado na presidencia da camara uma creaturinha mal cavacada physica e moralmente, praticar impunemente, quer no exercicio do seu cargo, que só por irrisão occupa, quer na sua vida particular, quantas tropellias a sua mente de pravada lhe suggere, e vêem mais alto, lá no pinaculo da publica administração, outros homens egualmente depravados serem reverenciados e applaudidos, e entendem, em sua curta e rudimentar intelligencia, que não poderão ser gente d'outra maneira.

Teem, na verdade, desculpa. Demais, o snr. Guilhermino, tem no caso presente uma attenuante ao seu procedimento: elle sabe muito bem, é certo, que a lei da censura ultimamente votada lhe não permitte cortar nos artigos submettidos á sua analyse senão aquillo que disser respeito ao movimento das tropas, ou o que represente propaganda contra a guerra.

Mas tambem sabe muito bem que se exorbitar d'estas attribuições ninguem lhe retira a farta gamella que o regimen pôz deante de sua senhoria, e nem mesmo, sequer ao menos, lhe ralha, sabido como é que o recurso ao ministro não passa d'uma burla, e antes pelo contrario, ganha merecimentos para maior pitança.

Que duvida poderá elle pois ter em cortar uma ou outra coisa que não soe bem aos seus democraticos ouvidos, tanto mais que o patrão se não prendeu tambem com escrupulos para metter ao bolso e guardar pelo tempo que quiz, a lei que o parlamento, isto é, os suppostos representantes da Nação, livremente votaram?

Portanto o exemplo do patrão por um lado e a certeza da impunidade pelo outro, e tambem a necessidade de digerir, em socego, o bolo que o regimen tão liberalmente lhe serviu, habilitam o Snr. Rodrigues a praticar actos que só poderemos qualificar de garotices ou de trapaças, visto como a despeito de toda a nossa boa vontade de o poupar, aqui tantas vezes claramente expressa, não sabemos nem podemos d'outra forma qualificar.

E d'isto o que resulta? O que, desde a primeira vez que chamamos a attenção do Snr. Guilhermino para a sua prepotencia, lhe annunciamos: que o artigo será publicado e portanto lido, a despeito da sua tola birra, visto que de forma alguma ella esgottará a nossa constancia.

Prevenimos desde o principio o Snr. Guilhermino, que nós seriamos os ultimos a rir e se-lo-hemos.

D'esta teima estupida em que o Snr. Guilhermino Rodrigues tem andado comnosco apenas lhe resultará cobrir-se de ridiculo, e augmentar a antipathia que as pessoas serias lhe votam e que, estamos agora a ver, não é immerecida.

Por nossa parte, e por mais extranho que isso possa parecer, deploramo-lo, e muito sinceramente por signal, porque não é senão violentando a nossa natureza que nós dirigimos palavras desagradaveis seja a quem fôr, e muito especialmente a quem, pelo contrario, desejariamos louvar.

Combatemos principios e não combatemos pessoas, salvo no caso de ellas se obstinarem em encarnar-se em principios com que não podemos transigir.

E é este o caso; vá a culpa a quem toca.

# Aos Lavradores

## A greve dos Telegrapho-Postaes

Aos Lavradores Portuguezes dedicamos hoje este artigo.

Parecerá uma extravagancia encontrar affinidade entre estas duas classes; ellas não a teem, é certo, mas isso não obsta a que, num reduzido e determinado ponto, uma possa servir de exemplo á outra.

A classe telegrapho-postal vem de dar a todas as outras um exemplo de solidariedade digno de nota, mas em especial á classe agricola, pela unidade de vontades e pela firmeza de convicções, que esta por completo desconhece.

Os homens que a compoem, veem de demonstrar que a velha alma portugueza não está de todo desmoralisada e corrompida, e, se bem que, de forma alguma, possamos applaudir uma greve, que sendo effectuada contra uma entidade abstracta como é o Estado, e que, porque os homens que o representam não são directamente e pessoalmente prejudicados, cae todo o peso das consequencias sobre o povo, que nenhuma culpa tem no conflicto, não podemos deixar de nos regosijarmos pelo triumpho de uma causa, que de todo o ponto nos parece justa.

Não é nosso intuito analysar a greve nos seus antecedentes e consequentes, mas apenas chamar a attenção do ingenuo e passivo lavrador para os processos de combate de que, com o desejo de vencer, os telagrapho-postaes usaram.

Ninguem ignora que esta classe é numerosissima e que, porque nella ha varias cathegorias de empregados, muito variados são os habitos, os gostos, as opiniões e as tendencias dos individuos que a compõem.

Ha nella, desde o carteiro defensor da ré-publica e revolucionario encartado, vencendo um magro ordenado, até ao burocrata graudo, illustrado, conservador, e vencendo pingues remunerações.

No entanto, desde o que lê Virgilio ou Byron até ao que a custo lê os nomes e as moradas dos destinatarios das cartas que entrega, ha o mesmo espirito de classe, ha a mesma opinião sobre as difficuldades da hora presente, ha o mesmo desejo de melhorar a sua condição.

Legalmente, pacificamente, emquanto poude ser, a classe reclamou dos altos poderes do Estado, melhoria para a situação angustiosa de alguns; violenta e tumultuariamente quando se convenceu que os ouvidos governamentaes eram surdos ás suas razões.

E porque tinham fé e confiança na sua justiça, porfiaram e venceram.

Não os atemorisaram ameaças, não os atemorisaram prisões, não se acobardaram com o ridiculo expediente de por um decreto fulminante, os passarem da classe civil (de que faziam e cuidaram sempre fazer parte) para a classe militar, os encorporassem nos regimentos, os mandassem ao açougue, inscrever os seus nomes nos roes d'honra em homenagem aos assomos guerreiros de sir Joseph Norton: pensaram que morrer de fome ou morrer da explosão d'uma granada tudo era morrer, e estar preso num forte ou num navio era uma semsaboria é certo, mas uma variante, em todo o caso, á semsaboria de toda a sua vida official.

Havia uma forma unica de se renderem: attenderem os poderes publicos as suas reclamações.

Attendiam-nos? trabalhavam.

Não os attendiam? cruzavam os braços.

E o governo que lhes pagava, o governo que por uma novissima e interessantissima legislação dispõe não só da liberdade como da vida do cidadão portuguez dando-lhe, portanto, quando lhe parecer conveniente, o destino que lhe apraz, sem se julgar na obrigação de dar satisfações ao Paiz, o governo, em que ha vultos notaveis como de todos é sabido, pela sua inquebrantavel firmeza, gente que não volta atraz, como, por exemplo, o illustre acima citado sir Joseph Norton, que tendo vindo d'Angola... ainda para lá não voltou; ou como o insigne titular da Justiça que tem feito frente, sem cambalear, a todo o clero catholico portuguez; ou ainda como o snr. Costa, que fadado para altos destinos que não escolhe entre uma tipoia ou um auto, quando lhe parece que a sua presença é solicitada para um ponto differente d'aquelle em que se encontra, o governo, diziamos, cedeu, capitulou!!!

A paralisação do serviço dos correios é uma coisa certamente grave, e de consequencias funestas, no entanto os inconvenientes que d'ella resultaram são relativamente de facil e prompta reparação; mas imagine-se agora uma greve de contribuintes: imagine o caro leitor que se combinava com o seu visinho e este com outro e todos entre si e resolviam firmemente, tão firmemente como os telegrapho-postaes, não pagar mais contribuições ao Estado, emquanto elle estivesse a fazer as delicias dos patriotas republiqueiros.

Imagine o amigo lavrador que se decidia a levar a sua teimosia até não se importar de ir para uma cadeia ou vestir um uniforme de gladiador, para saudar Nero triumphante e pense que, emquanto os telegrapho-postaes, quer os de pequena renumeração, quer os gordos, estiveram estribados na sua intransigencia passando incommodos e cuidados, as suas familias estavam em casa passando privações, com o lavrador em greve, aconteceria precisamente o contrario, pois que elle continuava sempre com a cesta na mão.

Largavam lhes os sympathicos revolucionarios civis, heroicos defensores da ré-publica? que diabo! elles, por muitos que sejam, não chegam para tanta encommenda, e procurando bem, atraz da porta ou ao canto da lareira, sempre ha de haver uma tranca ou uma acha, e na cabeça ou nas costas d'elles, logar para ella.

E depois, a valentia d'elles é conhecida: afina pela do freguez do coupé 44. Se ouvem vozes de soprano ou de contralto, já sabem que podem avançar sem medo, mas ouvindo voz natural, sahem mesmo pela janella de um carro a andar.

E não venham cá argumentar-nos com as represalias fiscaes, com penhoras, arrestos, relaxes e outros papões com que é de uso espantar ingenuos: não se põe em praça uma aldeia quanto mais uma cidade, um concelho, uma provincia e muito menos o paiz inteiro.

E o lavrador punha o dilemma: ou se vae embora a ré-publica, ou não pagamos e respondia as-

sim a uns malandros que por occasião da greve espalharam um manifesto que passamos a transcrever, e para os quaes chamamos a attenção dos interessados, a quem incumbimos o encargo de fazer os commentarios:

«.....

Recusam-se terminantemente a manifestar os seus productos, (os proprietarios) levantando com este procedimento difficuldades á vida nacional, para especulações desbragadas, indefensaveis. Antepõem os seus interesses particulares á segurança da patria.

Procedem impunemente assim e ameaçam abandonar a cultura da terra, porque á testa dos governos não estão homens da envergadura dos *Convencionaes da primeira revolução franceza*. De contrario a resposta a semelhante procedimento seria a *expropriação* e o *arresto pessoal*.

**A terra é de todos.**

A instituição da propriedade não pode reger-se por normas feudaes, nem os proprietarios podem julgar-se reis absolutos da terra. Tal conceito é repellido hoje pela consciencia juridica dos povos.

A propriedade tem obrigações sociaes a que não deve furtar-se sem quebra do pacto social.

**Os proprietarios não são mais que usufructuarios de um capital que é, em these, pertença commum.**

*São apenas detentores transitorios com direitos muito restrictos*, que a sociedade pode alienar, quando o *interesse vital* de todos assim o exija, quando se torne necessario para segurança do organismo politico, independente, que é a nação.»

Que lhe parece d'isto ao amavel leitor, no uso das suas regalias civis, incluida a de contribuir para o pagode républiqueiro?

Parece-lhe que valeria a pena pedir emprestado aos telegraphopostaes os attributos viris de que elles fizeram tão bom uso, e apresental-os aos governantes, tendo bem patente o dilema proposto?

E que lhe parece que a ré-publica resolveria?

Pense e medite.

# Aguas de Melgaço

### Regresso ao lar

São 10 horas. Uma bruma densa, que do rio sobe para a montanha, acaba de dissipar-se e o sol apparece com todo o seu brilho, espalhando calor pelos milheiraes d'esses campos e reflectindo-se como num espelho magico, nas aguas tranquillas do rio Minho.

E' a hora da partida.

O postilhão arrumou as malas na carruagem e os cavallos, mordidos pelos raios ardentes do sol, agitam-se nervosos, com pressa de partir.

Trocam-se os ultimos cumprimentos de despedida, fazem-se votos para que o tratamento aqui iniciado fructifique e no anno proximo nos encontremos num pensamento de gratidão, alheios aos nossos males, pagando uma divida ás aguas salutares que nos deram saude e com ella nos restituiram a alegria.

O cocheiro move o chicote no ar, fere com duas vergastadas seccas o dorso dos animaes e lá partimos agitando os lenços num derradeiro adeus.

Melgaço vae-se afastando e de longe a longe apenas se avista, por entre nuvens de poeira, algum telhado mais elevado, até que tudo desapparece por entre as cepas verdes que cercam a orla da estrada.

O nosso espirito recolhe-se por alguns momentos, pensando naquelles que talvez nunca mais veremos, sem coragem para trocar as primeiras palavras com as amaveis alemtejanas que me offereceram o carro para me transportar até Monsão.

O meu companheiro, depois d'uma combinação anteriormente ajustada, abalou de manhã cedo, deixando-me á porta do quarto com a mala na mão, convencido de que *mais vale andar só do que mal acompanhado*.

Nada perdi com a troca, apenas contrahi uma divida de gratidão.

Ao longo da estrada caminham, em sentido contrario, ranchos de mulheres alegres, que nos saudam com vivacidade e que caminham para a feira de Paderne.

Ao lado dois rapazes balouçam-se no cylindro da estrada e num nicho de santo accumula-se um montão de grandes batatas, — offerta do povo agradecido.

Agora surge-nos a linda povoação de Valladares. A meia encosta levanta-se o velho solar de Rosal, cercado de casinhas, como que protegendo-as debaixo da sua nobre sombra e estendendo um dos braços da sua construcção forte para o alto do monte fronteiro, em forma de pyramide, onde se destaca uma elegante capella com duas torres, dedicada á Senhora da Graça, voltada para o mar, vigiando os navegantes que rasgam o oceano, venerada por portuguezes e hespanhoes, a quem olha com egual carinho.

Se alongamos a vista, diante dos nossos olhos passa, como uma fita cinematographica, a bella paisagem gallega, com os seus montes, os seus valles, as suas villas e as suas casas.

Neves e Salvaterra já nos ficam atraz d'uma elevação, quando de novo os nossos olhos cahem sobre o rio Minho, que sempre nos acompanha, ora socegado e lento, ora apressado e nervoso, regando campinas, movendo azenhas e servindo de intermediario de paz entre as duas nações inimigas e irmãs.

A estrada atravessa lindos povoados, extensos valles por entre casas limpas e aceiadas, que ferem os olhos dos viajantes com os raios de sol reflectidos na alva cal das suas paredes.

Aqui e alli homens robustos transportam pesados cestos de loiros cachos, emquanto mulheres cantando vão arrancando á cepa os perfumados fructos.

—Aqui é o solar de Azevedo, diz-nos o cocheiro.

Uma linda vivenda, solar antigo de nobres, de paredes ameiadas e jardins guardados por altos muros e estatuas de granito, passa, deixando-nos vêr campos bem cultivados, cheios de espigas sazonadas.

De Velinha goza-se um largo panorama atravez do valle extenso, que vai acabar num fundo negro de montanha, que separa os valles do Minho e Vez.

Monsão! A patria de Deu-la-Deu apparece agora toda alegre, ufana com a estatua da heroina que num momento critico salvou a fortaleza das mãos dos inimigos que a cercavam.

O sitio já durava longo tempo. O pão acabara dentro da praça. Apenas restavam algumas manadas de farinha. Então Deu-la-Deu fez com ella alguns pães, que lançou aos sitiantes para elles matarem a fome. Julgando que o trigo abundava dentro da praça e cansados do cêrco, retiraram, libertando assim a villa, que a reconheceu como sua salvadora.

De Monsão aprecia-se uma linda vista sobre o rio Minho.

O sol dardejava luz e fogo quando entramos no prosaico comboio que nos arrastou durante enfadonhas horas até aos nossos lares.

19—IX—17.

* * *

# PIOS

### Um engano

**O «kaiser» e o «tzar»**

*De Paris.—O «Herald» recebeu um telegramma de Nova York dizendo que as revelações sobre a correspondencia secreta do «kaiser» para o «tzar» causaram profunda sensação nos Estados Unidos, onde a opinião geral é de que essa correspondencia justifica plenamente a opinião do presidente Wilson de que* os Hohenzollern são inimigos da democracia.

*A maior parte dos membros do Congresso entendem que* o incidente impõe a deposição dos Hohenzollern.

Esta agora, é que estavamos longe de esperar: os Hohenzollern inimigos da democratia! Quem tal havia de dizer?! E' muito bem feito que os demittam..... Mas elles são tão descarados que até são capazes de não pedirem a demissão e então nesse caso.....nesse caso..... como ha de ser?

*

### Justiça de Gungunhana

*Foi já enviado para juizo o revolucionario civil Armando de Azevedo que é apontando como sendo o auctor da morte do professor de ensino livre Francisco de Oliveira Gueifão Marques, victimado por um tiro de pistola no Café Chave d'Ouro.*

*Perante a policia, estava depondo o snr. Meira e Sousa, antigo jornalista, o qual se referiu a varios casos praticados pelo Armando, taes como o assassinio no Porto, do celebre Homero de Lencastre, e as ameaças do morte feitas a varias pessoas.*

*Depois do depoimento do snr. Meira e Sousa ter sido reduzido a auto, o depoente foi intimado pelo director da policia de investigação a comparecer novamente no governo civil,* ficando sem effeito o primeiro auto, porquanto o snr. dr. Adolfo Coutinho não permittiu que o snr. Meira e Sousa se referisse a casos anteriores.

*O snr. Meira e Sousa apresentou no juizo de investigação criminal, uma queixa contra Alfredo Coutinho, por abuso de auctoridade.*

E fez o Snr. Coutinho muitissimo bem. Ora que diabo tinha lá que o homem tivesse morto o Homero? Quem morre morre e aguas passadas não moem moinho.

Tinha agora muito que ver se um formigão não havia de poder matar um inimigo do ré-publica.

*

### Uma data celebre

**Salvé 18-9-1917**

*Colhe hoje mais uma flôr no jardim da existencia o estimado negociante d'esta praça, snr. José Martins Ferreira Braga. Que este dia seja repetido tantos quantos deseje, são os votos sinceros do seu particular amigo*

Nascimento.

*

**Salvé 18-9-1917**

*E' hoje o anniversario natalicio do snr. José Martins Ferreira Braga. Como é estremecido por sua familia, torna-se necessario que a vida lhe seja longa, para que desfolhe sobre nós as pétalas de seu amor e carinho.*

*E' todo o desejo d'umas almas queridas.*

A. M. D. F.

Nesta data celeberrima colhe o Snr. Braga mais uma flor no jardim da existencia, para depois desfolhar sobre os lotos as petalas do seu amor e carinho.....

Pois senhores, valeu a pena ao homem fazer annos para receber taes prendas.

Antes lhe dessem uma seringa..... que era presente adequado.

*

### Onde está um républiqueiro está um homem de bem

*Consta que o snr. coronel Miguel Garcia, desgostoso com o que se descobriu nos correios, se esforçará, coadjuvado pelo snr. Gonçalves Neves, por que se proceda a um inquerito no sentido de se descriminarem as culpas. Ninguem ignora que as personalidades mencionadas são das que mais têm trabalhado para o progresso e aperfeiçoamento das Sociedades de I. M. P. Os escoteiros, que tambem prestaram serviço nos correios, vão, ao que consta, varrer a sua testada. A grève dos correios e telegraphos, pelo visto, se foi uma victoria estrondosa para os grévistas, não só trouxe enormes prejuizos materiaes ao Estado e ao paiz, mas tambem revelou um novo aspecto da complexa crise moral que a sociedade portugueza atravessa e cujo remedio ainda está por applicar senão... por descobrir!*

Os rapazinhos dão esperanças de virem a ser excellentes ré-publicanos.

*

### Bom castigo

*Os officiaes instructores da S. I. M. P. n.º 1 pediram a demissão dos seus cargos, e os alistados não tornarão a envergar as suas fardas emquanto não se apurarem as responsabilidades ácêrca do que se passou nos correios durante a grève.*

Lá se livram os rapazinhos de ir para a guerra.

## Palavras ao Vento

### A FÉ!...

Num illustrado
A mademoiselle X...

Um altar erigira no meu peito,
—Altar divinisado, envolto em luz,
Onde a tua sagrada imagem puz
Por sob um manto azul de graça feito.

E', pois, ante esta imagem, que seduz
Meu coração, coitado! insatisfeito,
Que eu ajoelho, orando com respeito,
Qual se ella fora Deus pregado á Cruz!

E na paz de tão doces orações,
Quantas, quantas esp'ranças e illusões
Não vem encher-me a alma de luar?!...

Só a fé, só a fé no teu amor
Poderia ensinar-me, oh! branca flor!
No meu peito a erigir tão bello altar!...

Guimarães—Setembro—1917.

*Marques Mendes.*

# Carteira Elegante

**Cartas para longe...**

Minha amiga:

Mais vale tarde que nunca.

A sua carta ultima, recebida ha três dias, veiu dar-me um pouco de ventura, porque trouxe á minha alma a certeza que continua dispensando-me a sua amisade!

Obrigado.

.....

Agora mesmo acabo de ler uma carta, escripta por um escriptor brilhante, talento privilegiado e homem de um sentimentalismo invulgar, que trouxe á minha alma mais uma amargura a juntar a essa saudade grande, immensa, que a si hoje me prende.

.....

«Para que partiu? Que attractivos podem ter para o seu espirito essas paisagens exoticas para que não nasceu, para que não se creou, e deante das quaes Você passeia as longas horas tristes das suas tardes, as interminaveis horas das suas manhãs?

Você, a quem os requintes da civilisação formaram, e as agudezas do luxo deram gosto — como pode ficar longe d'essa mesma civilisação e d'esse mesmo luxo?

Para que partiu? Para que me deixou?

Agora, só de longe a longe, as suas noticias chegam a meus olhos. Só de longe a sua amisade se me affirma e na voz gelada de uma carta. Tudo o mais desappareceu. Evolou-se o seu perfume; morreu a sua voz de doçuras musicaes; desappareceu o ar seductor das suas maneiras.

E em vez de tudo isto que me encantava, ficou a saudade profunda, amarga, infinita, dolorosa, que me angustia...

Antigamente, quando o meu tédio ameaçava desesperar-me, quando o cançasso ameaçava vencer-me — eu procurava-a, e logo a sua amisade tinha palavras feiticeiras para me fazerem esquecer o meu tédio, e palavras animadoras para me fazerem esquecer o cançasso.

Agora...»

.....

Agora?!...

Agora, minha amiga, minha querida e distante amiga, não só não tenho quem me dê palavras de affecto como nem sequer a posso ver, pois é tão longa, tão longa a distancia que nos separa que só é equivalente na saudade, na vivissima saudade que de si tenho...

Adeus!

Creia sempre na amisade de quem lhe é muito grato.

X.

*

* * *

De Vidago regressou á sua casa da capital a ex.ma Senhora D. Maria Henriqueta Moreira d'Almeida, virtuosa esposa do nosso eminente collega e querido amigo snr. J. A. Moreira d'Almeida.

*

Retirou de Melgaço, onde fez uma cura d'aguas, o nosso presadissimo amigo snr. Padre José Carlos Simões d'Almeida.

*

Com sua ex.ma familia regressou de Mattosinhos o nosso amigo snr. José da Costa Santos Vaz Vieira.

*

Com sua ex.ma esposa regressou da Boucinha, Sande, o distincto advogado e nosso antigo director snr. Dr. João Rocha dos Santos.

*

Do Porto regressou a Braga com sua virtuosa esposa o nosso apreciado collaborador snr. José Vicente Braga.

*

Com sua estimada familia regressa por estes dias da Povoa de Varzim o nosso presado amigo snr. tenente-coronel Alcino da Costa Machado.

*

Da mesma praia, regressa brevemente a Guimarães com sua dedicada familia o nosso estimado amigo snr. Dr. José Maria de Moura Machado.

*

Está nas Caldas das Taypas o nosso querido amigo snr. dr. Alfredo Peixoto.

*

Esteve entre nós o nosso querido amigo snr. Conde de Villa Pouca.

* *

Com sua ex.ma familia está em S. João de Ponte o importante capitalista snr. Antonio de Freitas Ribeiro.

*

Esteve entre nós o virtuoso e muito digno parocho em S. Lourenço de Sande snr. Padre José Ferreira Leite.

*

Regressou da Povoa o illustrado orador sagrado e nosso dedicadissimo correligionario snr. Padre Gaspar da Costa Roriz.

*

Com sua familia, regressa da mesma praia o nosso amigo snr. Florencio Leite Lage.

*

Continua doente o abastado proprietario snr. José Rodrigues da Silva.

# NOTICIARIO

### Machado Santos

Corre que já se não effectuará o julgamento do sr. Machado Santos e dos seus companheiros implicados no movimento de 13 de dezembro ultimo, visto ser ideia do governo conceder-lhes amnistia por occasião do proximo anniversario da republica. Ainda a proposito da promoção de Machado Santos a vice-almirante, parece que o ministro da marinha mandou ou vai mandar ouvir a procuradoria geral da republica. O direito a essa promoção é-lhe dado por uma lei da constituinte que o manda promover a par do snr. Ladislau Parreira, que já tem aquelle posto, mas a lei organica da armada manda preterir nas suas promoções os officiaes que estejam cumprindo a pena ou presos para conselho de guerra, embora lhe sejam depois restituidos todos os direitos quando absolvidos.

### Dr. Alfredo Pimenta

O nosso querido patricio, Dr. Alfredo Pimenta, que é, sem duvida, um dos filhos mais illustres de Guimarães, que dia a dia se vem affirmando um jornalista de talento e de pulso forte, um homem de caracter e de decisão, publicou ultimamente no nosso distincto collega *Diario Nacional* um creterioso artigo que, com a devida venia, noutro logar transcrevemos.

E' um artigo flagrante de verdade, que deve ser meditado e pensado, pois representa a boa doutrina que se impõe a quem de direito.

Plenamente concordamos com o excellente artigo, excepto na par-

te em que o distincto jornalista diz que os seus escriptos são lidos por duas ou três pessoas.

Tal affirmação não representa a verdade, pois artigo firmado por Alfredo Pimenta é lido e relido em todo o paiz, porque os seus artigos fazem opinião. Esta é que é a verdade.

### Secretaria da Guerra

Da repartição de abonos e assistencia aos mobilisadas, recebemos o seguinte aviso:

São avisadas as familias das praças mobilisadas que ainda não tenham pedido a subvenção nos termos do Decreto n.º 2498 de 11 de Julho de 1916, que nesta data são fornecidos aos administradores dos concelhos, regedores, juntas de parochia e auctoridades militares, impressos em que devem ser feitos os pedidos daquella subvenção ficando assim substituido e dispensado o requerimento em que até agora tinha de ser feito o pedido.

### Federação de Syndicatos Agricolas do Norte

Realisou-se no dia 9 do corrente, na cidade de Braga, a constituição da Federação dos Syndicatos Agricolas do Norte do paiz, isto é, da região dos vinhos verdes. Fez-se a respectiva escriptura, que foi assignada pelos representantes dos Syndicatos Agricolas de Vianna do Castello, Monsão, Valle do Ancora, Braga, Famalicão, Barcellos, Cabeceiras de Basto, Vieira, Porto, Maia, Villa do Conde, Gondomar, Felgueiras e Povoa de Varzim. Depois de breve discussão foi votado o projecto de estatutos organizado pela commissão installadora, a que presidiu o snr. Simão Duarte de Oliveira, illustre presidente do Syndicato Agricola de Braga.

Foram eleitos para o triennio que termina em 1920 os seguintes snrs.:

Assembleia geral—Simão Duarte de Oliveira, presidente, Vasco Jacome de Souza Pereira de Vasconcellos, vice-presidente.

Direcção—Conde de Azevedo, presidente; Adelino Correia, secretario; Domingos José de Souza Gomes, thezoureiro; Augusto Simões Ferreira da Silva, Antonio Joaquim Lopes dos Reis e dr. José Rodrigues Braga, substitutos.

## SUBSCRIPÇÃO NACIONAL

### Assistencia Religiosa em Campanha

Transporte. ... 910$755

José Antonio de Macedo, Albina de Jesus, Maria da Conceição, Emilia Anacleta, Maria d'Oliveira, a 100 reis cada; Rita de Jesus, Candida Ribeiro, a 500 reis cada; Maria da Luz, Joaquina da Cunha, a 60 reis cada; Antonia Pereira Gomes, Bernardo Pereira, Antonio Pinheiro, Anonyma, a 40 reis cada; Margarida Rosa, 30; José Ribeiro, Rosa Maria, Adelina da Silva, Manuel da Silva, José Passos da Silva, Joaquim Rosa, a 20 reis cada; Anna de Jesus, Emilia de Jesus, Anonyma, a 200 reis cada; Rosa Magalhães, Clara de Jesus, a 120 reis cada.

Manuel Gonçalves e mulher, João Pereira e mulher, D. Virginia Magro, Manuel d'Oliveira e mulher, Maria Marques da Silva, a 200 reis cada; Antonio Vieira, Thereza Ferreira de Campos, Anna Pereira, Maria Rosa Vieira da Silva, a 100 reis cada; Adelino Augusto Rodrigues da Silva, 500; Deolinda Machado, 60; Francisco Mendes Ribeiro, 50; Manuel Vieira Cardozo, 300; Avelino Leite d'Oliveira, 600 reis.

Padre José Antonio Marques, José Ferreira de Campos Cardozo e mulher, D. Ludovina Lopes Cardozo, Joanna Mendes Ribeiro, Francisco da Cunha, a 500 reis cada; D. Engracia Leite de Faria, Joaquim de Castro e mulher, D. Maria Belem Gomes, Maria Pereira Fernandes e irmã Joaquina, a 200 reis cada; Rita Ferreira, João Machado, Narcisa Marques Ferreira, Maria Ribeiro e irmã Anna, Camilla Rosa, Francisca Rosa da Motta, Maria Marques Salgado, Antonio Marques Salgado, Antonio Rodrigues da Silva e mulher, Victorino d'Oliveira Campos, José Fernandes e mulher Joanna, Manuel Ferreira, a 100 reis cada; Maria Emilia Leite d'Almeida, José Teixeira de Maria, 300 reis cada; Maria Pereira, 140; João Pereira, João da Motta, Maria Rosa de Freitas, 100 reis.

Somma ... ... 921$775

*(Continua).*

## LETTRAS

### Ensino domestico particular

Portuguez, Francez, Inglez, Latim e Litteratura.
Francez pratico para o commercio—Conversação.
Disciplinas do Lyceu.

*Torquato Mendes Simões.*

### Aviso ao publico

A Empreza Vimaranense declara que a sua carreira, que parte de Guimarães ás 15 horas para Braga, desde 1 de Outubro em diante fica a sair de Guimarães ás 13 1|2 horas (1 1|2 da tarde) e de Braga ás 7 1|2 da manhã.

A mesma Empreza brevemente montará uma nova corrida que partirá de Guimarães ás 7,40 e de Braga ás 14 1|2.

Guimarães, 19 de Setembro de 1917.

*A Empreza.*

### Venda de imagens

No largo da Oliveira n.º 34, em Guimarães, estão á venda duas imagens, sendo uma de Christo e outra de S. João em tamanho natural; mostram-se de dia depois das 8 horas da manhã.

### Vende-se

Uma morada de casas de 2 andares, situada com o n.º 7, no largo do Serralho, proximo á cadeia.

Um carro de 4 logares, que pode ser tirado por 1, 2 ou 3 garranos.

Falar com o solicitador Pimenta.

### Vende-se

Uma morada de casas, na rua do Gravador Molarinho, com os numeros 35 e 37.

Fallar com o Solicitador Pimenta.

### Livros baratos em perfeito estado de conservação

*Novo Diccionario Francez Portuguez*, por *José da Fonseca*.

*Manual de Direito Ecclesiastico Parochial* para uso dos Parochos, por *Antonio Xavier de Sousa Monteiro*.

*Catecismo Para uso dos Parocos* feito por auctoridade de decreto do Concilio Tridentino, publicado por mandado do *SS. P. Pio V.*

Todos estes livros se vendem por metade do seu preço ou ainda por menos na Typographia Minerva. Ha apenas um exemplar de cada um.

### NINHARIAS

POR

José de Azevedo e Menezes

Refutação documentada dos erros commettidos pelo sr. Anselmo Braamcamp Freire nos seus estudos publicados acêrca dos Farias, de Barcellos.

A' venda na Papelaria e Tabacaria Lemos, Rua da Rainha.

PREÇO 800 RS.


## Escola Académica de Guimarães

**Instituto de educação e ensino, autorizado pelo Govêrno por alvará de 19 de Julho de 1916.**

**Instrução Primária e Secundária, sendo esta frequentada no Liceu. Professores todos diplomados e inscritos.**

**O seu reclamo tem sido feito pelos próprios alunos.**

**D'isto se ufana a Escola Académica.**

**No ano transacto frequentaram esta casa 102 alunos internos.**

O Director,

*P.e José Maria da Silva.*

## COMPANHIA DE SEGUROS "O FUTURO,,

Séde—**Rua do Mundo**—LISBOA

TELEPHONES N.os 2771 3471 ═══ TELEGRAMMAS FUTURO

Capital: UM MILHÃO DE ESCUDOS *Esc. 1.000:000$00*

*Seguros de vida, dotações para crianças, etc.*
*Rendas de sobrevivencia—Seguros Monte-Pio*

garantindo pensões liberaes desde Esc. 60$00, pagos vitaliciamente pela Companhia aos herdeiros, beneficiarios, seja qual fôr o seu ESTADO SOCIAL OU EDADE. Seguros de Vida em caso de **Guerra** durante os serviços em campanha.

*Seguros de Accidentes no Trabalho*

Seguros terrestres, seguros de mobilia contra incendio e roubo na mesma apolice pelo premio que antigamente custava só o seguro de fogo ($20 cada 100$00).

Seguros de rendas de propriedades e lucros cessantes, em caso de incendio. Seguro de crystaes, gréves e tumultos, roubo, etc. Seguros contra bombardeamentos. Seguros Maritimos e Fluviaes contra todos os riscos, incluindo GUERRA.

**Acceitam-se correspondentes e productores ═na provincia e angariadores em Lisboa═**

Correspondente em GUIMARÃES

*Benjamim de Mattos*

TOURAL, 105.

## A MODELAR

Officina de Repicagem de Limas

DE **Lima & Carlos**

ESCRIPTORIO: R. de Cedofeita, 1034 e 1039
Para onde deve ser dirigida toda a correspondencia

OFFICINA: R. Aliança, 190—*PORTO*

Tabella de repicagem — Preços por lima

| Polegadas ..... | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Bastardo ..... | $08 | $09 | $10 | $11 | $12 | $15 | $16 | $18 | $21 | $24 | $27 | $32 | $36 | $40 | $44 | $49 |
| Murça e grosas... | $09 | $10 | $11 | $13 | $15 | $17 | $20 | $24 | $26 | $33 | $38 | $44 | $49 | $54 | $59 | $64 |

Grosas sapateiro, pequenas $17, grandes $22; grosas ferrador, pequenas $40, grandes $50
OBSERVAÇÕES: Pagamento contra entrega de fazenda e sem desconto

Correspondente nesta cidade: **Antonio Luiz da Silva Dantas**
Rua de Payo Galvão, 70

## Grande Hotel Villas

### Caldas das Taypas

O mais proximo dos antigos banhos. Ligado aos modernos pela nova avenida. Ampliado com novos quartos mobilados e sala de jantar, offerecendo todas as commodidades modernas. Com mais esta ampliação ficou a casa completamente remodelada.

Proprietario,
**Francisco de Oliveiras Villas.**



## Echos de Guimarães

PUBLICAÇÃO SEMANAL

PREÇO DA ASSIGNATURA
(Pagamento adeantado)

| | |
|---|---|
| Portugal, Ultramar e Hespanha | |
| Anno ... ... ... ... | 1$300 rs. |
| Semestre .. ... ... ... | 650 „ |
| Trimestre .. ... ... ... | 350 „ |
| Estados U. do Brazil (anno) . | 2$000 „ |
| Paizes da União Postal „ .. | 2$500 „ |
| Numero avulso... ... ... | 30 „ |

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES
(Pagamento adeantado)

| | |
|---|---|
| Annuncios e communicados, linha | 60 rs. |
| Repetições, por linha. ... ... | 20 „ |
| Permanentes, contracto convencional. | |
| Reclamos, no corpo do jornal, até 5 linhas, cada um.. ... ... | 100 „ |

Annunciam-se as publicações que o mereçam, mediante um exemplar gratis.

Annuncios, não judiciais, para os srs. assignantes, 25 % de abatimento.



P. LUIZ DIAS DA SILVA

### SERMÃO DA IMMACULADA CONCEIÇÃO

prégado na igreja matriz de Fafe, em 8 de Dezembro de 1912; editado num elegante opúsculo, precedido da narração do **interessante episódio** que determinou a sua publicação.

PREÇO, 60 RS.

Pelo correio 65 reis.

Pedidos à Typ. Minerva Vimaranense
R. Payo Galvão—Guimarães.



## Echos de Guimarães

IV Anno PUBLICAÇÃO SEMANAL Num. 178


*Ex.mo Snr.*